Artigo

A ética e a taxonomia

Lições do Dr. Ubirajara Ribeiro Martins

Luiz Roberto Fontes*

O entomólogo Dr. Ubirajara Ribeiro Martins (1932-2015) nada tem a ver com controle de pragas, porém, é um exemplo também para esta atividade.

Formado em Agronomia, ele devotou sua vida ao estudo taxonômico dos besouros cerambicídeos, os conhecidos serra-pau, que são bonitos, providos de longas antenas e de cores comumente vistosas. Ele me recebeu como estagiário em entomologia em 1975, no Museu de Zoologia/USP, quando eu cursava o primeiro ano da graduação em Biologia (sobre o processo seletivo, veja *Vetores & Pragas*, nº 37, p. 16). O Bira, como era comumente designado, foi o meu primeiro orientador e meu "pai" na ciência, assim como o foi de muitos outros jovens discípulos. Ele procurava transmitir aos seus orientandos um pouco de seu enorme conhecimento acadêmico e respeito pelas coisas da ciência. Aqueles que privaram do convívio diário ou quase, como eu até 1981, aprenderam muito ao observar a sua conduta exemplar nos princípios éticos basilares na ciência e, por que não, em outras atividades também. Abreviarei um pouco da minha experiência com essa personalidade fascinante do mundo científico nacional.

Da esquerda para a direita: José Maria Soares Barata; Ubirajara Ribeiro Martins (aos 67 anos - 08/07/1932 a 27/05/2015); Delsio Natal; Em Museu de Zoologia/USP, São Paulo, SP, aos 02/12/1999. Atrás, armários da enorme coleção de cerambicídeos.

Muitas vezes o Bira identificou taxonomicamente os "cerambas", como ele dizia, e recebeu ofertas ou promessas de coautoria em publicações científicas. Recusou todas: "sou funcionário público e essa é uma de minhas atribuições". Certa vez, contou-me, realizou uma complicada perícia na área que hoje designamos **entomologia forense de produtos estocados**, especialidade muito afim da atividade profissional de controle de pragas. Uma carga de pele de coelhos, importada da Austrália em navio, chegou ao cliente brasileiro infestada e danificada por um besouro-praga (não eram "cerambas") e o problema envolvia empresas seguradoras do país e do exterior, as quais litigavam a origem da praga. Ele elucidou a questão e concluiu que a infestação ocorreu no país exportador. Não me atrevi a perguntar se ele cobrou pelo serviço e é certo que não cobrou, por ser atribuição de seu cargo público: receei ouvir um cordial *não*, reprisando-se a seguir o necessário esclarecimento...

Mais lições interessantes vieram no curso de estudos taxonômicos.

O primeiro artigo que produzi sozinho foi a descrição de uma espécie de besouro termitófilo, um estafilinídeo simbionte de cupins. Baseado na excelente monografia dos estafilinídeos termitófilos, do entomólogo norte-americano Charles Hamilton Seevers (1907-1965), publicada em 1957, estudei o gênero *Corotoca*, identifiquei e redescrevi as três espécies conhecidas no Brasil, descobri uma nova espécie e organizei uma chave para a identificação de todas as espécies. Eu preparava o texto e datilografava nas antigas máquinas de escrever das marcas Olivetti e Remington e, a cada correção do Bira, muitas eram as mudanças. Antes de ler, ele tomava a caneta vermelha e rabiscava algumas vezes um papel qualquer: "estou aquecendo a caneta para a correção!" Ao final, lá estava o meu rascunho, o meu "belo e perfeito texto" todo corrigido em cor vermelha. Finalmente, depois de reescrever muitas vezes, o artigo estava terminado. Contente, mostrei-lhe o texto e ele aprovou. Preparava-me para sugerir um nome para a nova espécie, quando ele se pronunciou com gravidade: "você já sabe qual é o único nome possível para a nova espécie, não sabe?" Eu hesitei e ele foi incisivo: "homenageie o Seevers, é claro! Sem ele o seu artigo ou não existiria, ou seria muito mais trabalhoso!" Na visão do Ubirajara, era forçoso homenagear o cientista que me abriu a fronteira para esse estudo taxonômico. Foi assim que surgiu para a ciência o termitófilo *Corotoca seerversi*, que descrevi em 1977 (quanto ao "i" no final, veja as regras de nomenclatura taxonômica em *Vetores & Pragas*, nº 33, p. 8).

Seguiram-se outras lições éticas importantes, sempre exemplificadas

na rigorosa conduta científica do Bira. Ele me ensinou que, ao encontrar uma incorreção taxonômica em obra alheia e eu decidir publicar a necessária correção (uma espécie com dois nomes científicos, ou seja, uma sinonímia taxonômica), caso o autor do erro prossiga ativo na ciência ou esteja aposentado, somente há dois caminhos a seguir: (1) entrar em contato com o autor e oferecer-lhe a possibilidade de ele próprio publicar a correção, ou, (2) caso ele recuse, convidá-lo a assinar o meu artigo na condição de coautor. Se o autor da incorreção for morto, ou caso não deseje compartilhar a autoria do artigo, e uma nova espécie for descrita no meu artigo, neste caso há somente uma conduta a seguir: (3) a nova espécie (ou uma das novas, se houver outras) a ser descrita obrigatoriamente homenageará o autor da incorreção taxonômica que estamos consertando.

Estas lições de ética científica foram para mim inesquecíveis. São ensinamentos simples, objetivos, que denotam respeito aos demais cientistas e que promovem, com enorme elegância, a honradez do autor de um artigo científico e elevam o seu conceito ético no meio acadêmico mais culto. Apreciei essas condutas no exemplo vivo do Ubirajara, que assim procedia rotineiramente na atividade profissional. Com as devidas adaptações, servem de exemplo também ao profissional de controle de pragas, no exercício da lide rotineira.

Para finalizar, estamos perto das 19 horas, quando o Bira encerrava suas atividades diárias no serviço. “Luiz, venha cá, vamos fechar o boteco!” Sobre a sua escrivaninha de madeira, dois copos de vidro. Ele então abria uma porta inferior na escrivaninha, buscava algo lá no fundo, atrás dos papéis, e extraia um garrafão com uma preciosa cachaça, oriunda de um bom alambique sem nome comercial. Sorria enquanto servia os dois copos. Saboreávamos uma dose, encerrando velhas conversas ou encetando novas fabulações, e ele me levava em seu automóvel “Opala coupê” até uma estação do metrô, de onde eu seguia para casa.

Luiz Roberto Fontes, biólogo (Entomólogo) e consultor. E-mail: lrfontes@uol.com.br